

# **Hotel Central: O Moderno na Praça Pedro II - Núcleo Fundacional da Cidade de São Luís**

Hotel Central: El Moderno en la Plaza Pedro II - Núcleo Fundacional de la Ciudad de São Luís

Hotel Central: Modern Times at Don Pedro II Square – Foundational Nucleus of São Luis City

---

Rosilan Mota Garrido

Universidade Estadual do Maranhão. Departamento de Arquitetura e Urbanismo  
Email: garridorosilan@gmail.com  [orcid.org/0000-0001-8068-6986](https://orcid.org/0000-0001-8068-6986)

## RESUMO

Este artigo trata da inclusão da modernidade na arquitetura das Praças Pedro II e Benedito Leite núcleo fundacional de São Luís do Maranhão, e da edificação do Hotel Central, construído em 1943 em estilo Art Decó. O projeto de autoria do arquiteto maranhense Vicente Azevedo, bastante arrojado no período, constituía-se de 5 níveis de pisos, num espaço onde predominava a horizontalidade. A história desse hotel se entrelaça com a história da praça, da cidade, com os usos e hábitos dos maranhenses e com o espírito do modernismo da época, e sua inauguração corresponde a um novo tempo para a cidade de São Luís, o que inclui a demolição de antigas edificações e a exaltação do novo. O contexto inclui a existência de uma guerra que abalava a população, pois alguns dos seus filhos participavam no front. Por outro lado, a distância do epicentro da guerra de certa forma diminuía os impactos dos horrores vivenciados principalmente na Europa e nos Estados Unidos da América. Neste ensaio, abordaremos o Hotel Central e sua relação com o tempo, com a cidade, com a história do espaço, Pedro II e Benedito Leite e destacaremos suas características principais.

Palavras-chave: Hotel Central; Arquitetura Moderna; Praças.

## RESUMEN

Este artículo trata de la inclusión de la modernidad en la arquitectura de las plazas Pedro II y Benedito Leite núcleo fundacional de San Luis de Maranhão, y de la edificación del Hotel Central, construido en 1943 en estilo Art Decó. El proyecto de creación de Maranhão arquitecto Vicente Azevedo, muy gallardo en el período, fue hasta 5 niveles de plantas, en un lugar en el que prevalece la horizontalidad. La historia de este hotel se entrelaza con la historia de la plaza, de la ciudad, con los usos y hábitos de los marañenses y con el espíritu del modernismo de la época, y su inauguración corresponde a un nuevo tiempo para la ciudad de São Luís, lo que incluye la demolición de antiguas edificaciones y la exaltación de lo nuevo. El contexto incluye la existencia de una guerra que sacudía a la población, porque algunos de sus hijos participaban en el frente. Por otro lado, la distancia del epicentro de la guerra de cierta forma disminuía los impactos de los horrores vivenciados principalmente en Europa y en los Estados Unidos de América. En este ensayo, abordaremos el Hotel Central y su relación con el tiempo, con la ciudad, con la historia del espacio, Pedro II y Benedito Leite y acentuaremos sus características principales.

Palavras-chave: Hotel Central; Arquitectura Moderna; Plazas.

## ABSTRACT

This article is on the inclusion of modern times in the architecture of Don Pedro II and Benedito Leite Squares, foundational nucleus of São Luis city, in the state of Maranhão, and on the building of the Hotel Central in Art Deco style of 1943. The very innovative five-storey project by maranhense architect Vicente Azevedo, within an area in which there was a predominance of horizontal buildings. The story of this hotel is woven with the story of the square, the city, the uses and customs of local inhabitants and with modern times spirit, and its opening corresponds to new times for São Luis city, which includes the demolition of old building and exaltation of the new style. The context includes the existence of a war which would shock the inhabitants, for some of the citizens joined the armed forces. However, the distance from the center of the war certainly diminished the impact of the horror going through mainly in Europe and the United States of America. In this essay we approach Hotel Central and its relationship with time, with the city, with history of the space, Don Pedro II and Benedito Leite, and we will highlight its main characteristics.

Palavras-chave: Hotel Central; Modern Architecture; Squares.

## Introdução

A construção do edifício Palácio do Comércio, no qual se insere o Hotel Central, entre 1941 e 1943, correspondeu a um momento histórico de mudanças e reformas em São Luís.

A capital maranhense, na época sob o comando do interventor Paulo Ramos, expandia-se a partir da abertura de novas avenidas e vias de acesso e o surgimento de novos bairros.

A relação do Hotel Central com o contexto social e urbano foi marcante, pois, além de trazer uma imagem inovadora por sua linguagem arquitetônica moderna, também marcou no sentido de criar novos hábitos para a população de São Luís. O novo hotel supriu uma carência na atividade de hospedagem na cidade. O bar e a sorveteria, no térreo, transformaram-se em ponto de encontros e de conversas dos frequentadores locais.

Neste trabalho, destacamos o Hotel Central como um exemplar da arquitetura Art Déco, relacionando-o ao contexto histórico da Praça Pedro II e da cidade de São Luís. Buscamos entender as relações entre o núcleo fun-

dacional de São Luís e o hotel, e como se articulavam entre si e com a cidade, e como refletiam os princípios dessa modernidade.

Com relação ao termos usados, ressaltamos que sempre que nos reportamos ao Hotel Central referimo-nos ao edifício Palácio do Comércio como um todo.

## A Modernidade, a Cidade e a Praça

As décadas de 1920 e 1930 correspondem ao auge do Art Déco na Europa, um estilo luxuoso, profusamente decorado, que teve origem na França por volta de 1925 e que se difundiu rapidamente para o mundo inteiro, tornando-se mais aerodinâmico e modernista na década de 1930 (DEMPSEY, 2003). Na América, desenvolveu características mais geométricas. O estilo englobou as artes gráficas, artes decorativas, vestuário, acessórios, arquitetura, entre outros, caracterizando-se como uma das últimas manifestações do ecletismo, mas ao mesmo tempo uma das primeiras expressões do modernismo.

As grandes exposições internacionais de artes decorativas foram, em grande parte, responsáveis pela expansão do

Art Déco pelo mundo. No final do século XIX e princípios do século XX, era comum na Europa a realização de Exposições Universais. Havia um certo entusiasmo com relação aos avanços tecnológicos e ao sonho da modernização. O Art Déco, também chamado de moderno, saiu da França para o mundo, e constituiu-se em São Luís no período de 1930 a 1950.

Frederik Robert Karl define moderno e modernismo como tempos que se sucedem, não como estilo. Diz que a vanguarda antecede a todos no tempo, é o que está na linha de frente. Quando a vanguarda se corrompe e é assimilada, passa então a chamar-se moderno. O moderno, por sua vez, ao tornar-se comum, uma paisagem familiar, vira parte do modernismo; portanto, para ele modernismo é o tempo de agora, o hoje, dinâmico e em movimento (KARL, 1988). Nesse sentido, concorda com Marshall Berman, que define moderno como um estado de dinamismo, mudança, ambiguidade e transitoriedade. Sobre modernidade, diz que esta é o conjunto de experiências de tempo e espaço, de si mesmo e dos outros, que é compartilhada por homens e mulheres em todo o mundo hoje (BERMAN, 2007).

Berman, para fins de “organização do conhecimento,” divide a modernidade em três fases: a primeira, do início do século XVI até o fim do século XVIII, quando as pessoas nem faziam ideia dela; a segunda fase, de 1790 ao século XIX, que se inicia com a Revolução Francesa, quando o mundo ainda não é moderno por inteiro; e a terceira e última fase, no século XX, quando o processo de modernização se expande pelo mundo. Estas fases correspondem a níveis de compreensão, aspirações e conhecimento partilhado pelos indivíduos, no tempo, em direção a modernidade (BERMAN, 2007).

Se aplicarmos a proposição da linha do tempo de Berman, com a devida cautela (já que no Brasil não houve uma revolução tal como analisado por ele), para efeitos de estudo em São Luís, teríamos então o final do século XVIII, como o período possível para início da nossa modernidade, por constatarmos que as mudanças decorrentes de uma economia positiva fez surgir novas perspectivas, desencadeando aspirações, desejos de mudança, entusiasmo em relação ao futuro e aos avanços tecnológicos. Estes seriam os sentimentos partilhados, o que chamaríamos de “espírito da modernidade”. O ponto de partida seria a

criação da Companhia de Comércio do Grão Pará e Maranhão, em 1755, que no plano econômico daria o impulso necessário para as mudanças que seriam registradas e que transformariam São Luís em uma importante cidade no contexto da colônia.

A fase áurea se prolongaria por mais alguns anos, estabilizando a economia por todo o século XIX. As mudanças econômicas teriam papel preponderante no desenvolvimento urbano, ocasionando mudanças no perfil da cidade de São Luís. Sob os auspícios desse enriquecimento, a cidade se expandiu com a criação de novos bairros e se modernizou, propiciando à população o usufruto de uma nova infraestrutura urbana: a Companhia das Águas abastecia a cidade com seis fontes e seis chafarizes; foram instalados o sistema de iluminação a gás e o sistema de transportes coletivos; o Cais da Sagração<sup>1</sup>. foi concluído no início do século XX. A prosperidade passou a atrair muitos estrangeiros.

O diálogo com a Europa já existia desde antes do início desses tempos moder-

nos, seja pela vinda de artistas estrangeiros e pelas idas e vindas constantes de maranhenses. Havia um contato direto com Portugal e com a França.

O plano de remodelação de São Luís proposto pelo interventor federal Paulo Ramos durante seu governo, entre 1936 a 1945, incluía a construção de parques, jardins, e a modernização do tecido urbano da cidade, o qual já não atendia às necessidades da época, pois as ruas eram muito estreitas e mal cabiam os automóveis que começavam a circular. O plano também incluía a demolição de cortiços e tudo que era considerado insalubre conforme a prática higienista, que instalou-se comandada pelo engenheiro José Otacílio de Saboia Ribeiro e pelo médico Pedro Neiva de Santana, então alçados a administradores municipais para executar a tarefa.

Paulo Ramos, que tinha como objetivo principal orientar as atividades de administração no sentido do bem público, ao assumir a gestão do Estado avaliou o governo de seus antecessores:

No Maranhão tudo está por fazer. As gerações que nos precederam nesta

---

1 Cais da Sagração, elevação do nível da praia pequena dos remédios até a praia grande. A intenção era fortalecer a barreira, onde ficava o Palácio [que palácio?], que constantemente era ameaçada pelas ondas do mar. No local já havia os dois baluartes denominados de São Cosme e São Damião, e entre eles provavelmente uma barreira de pedra, que recebia o impacto das marés, mas que não era suficiente para deter a ação do mar.

larga porção do território brasileiro, passaram sem deixar contribuição apreciável para o patrimônio material da coletividade (...). Chegamos assim, a este adiantado trecho da primeira segunda metade do século XX lamentavelmente atrasados na tarefa, que cabe levar a termo, para podermos atingir o nível de adiantamento já alcançado pela maioria das demais unidades da Federação (MARANHÃO. 1939, p. 39)

O estilo arquitetônico vigente desde o século XVIII era o Pombalino, mas logo nas primeiras décadas do século XX as transformações provocadas pela mudança de gosto – em razão das novas estéticas arquitetônicas recém-chegadas da França e dos Estados Unidos, e das reformas urbanas empreendidas por Paulo Ramos – alterariam sobremaneira a aparência da cidade de São Luís, que exibiria novos estilos, sobretudo no seu centro. Na Praça Pedro II, o neoclássico seria predominante até os anos 1920, como na Igreja da Sé: a Catedral de Nossa Senhora da Vitória, antiga igreja dos Jesuítas, por exemplo, já estava de roupagem nova desde 1922, com sua fachada barroca substituída por outra, neoclássica. Em seguida, o Art Déco faria sua estreia com a construção do Hotel Central.

Já nas artes plásticas, houve um certo descompasso entre o moderno que se praticava no Maranhão e o que era praticado no Brasil: o academicismo ainda era vigente. A semente embrionária que se difundiu depois da Semana de Arte Moderna de 22 em São Paulo foi responsável por diferentes entendimentos. Se, por um lado, houve artistas legítimos representantes do modernismo, para outros o moderno estava na camada mais superficial da obra. Foi assim também com a arquitetura em São Luís: algumas edificações em estilo pombalino supostamente se tornaram modernas após alterações realizadas nas fachadas; mas o âmago, o interior, permaneceram iguais. Por outro lado, exemplares em estilos modernos foram construídos, mesclando-se com a arquitetura colonial e com o ecletismo (PFLUEFGER, 2012). O antigo e o novo passaram a habitar o mesmo espaço.

A inclusão de platibandas, balaustradas, pináculos, frontões, colunatas e outros elementos decorativos como guirlandas e coroamentos de linhas inspiradas no Art Déco, tornou-se usual na arquitetura em São Luís. A influência das grandes exposições, do cinema e das novas tendências que utilizavam o vidro e o ferro, tornou-se corrente. A cidade



se encheu de edificações modernas. Por toda a São Luís, e também no interior do Maranhão, foram inúmeras as edificações Art Déco.

## O hotel

No século XVII, o modelo de hospedagem existente no Maranhão não era diferente dos modelos de hospedaria que eram comuns no resto da colônia. Os viajantes hospedavam-se em casas de famílias, fazendas, conventos, ranchos e nas pousadas que foram surgindo ao

longo dos caminhos, na medida da necessidade dos viajantes. As pousadas, assim como as casas de pasto, originárias do modelo português, seriam embriões dos futuros hotéis.

A abertura dos portos do Brasil, em 1808, e a prosperidade do Maranhão decorrente das lavouras de algodão e de arroz, fizeram crescer o fluxo de viajantes que vieram para a província. Mesmo depois do arrefecimento da economia – o ciclo do algodão durou um século –, a demanda de hospedagem continuou

Figura 1 - Imagem da Praça Pedro II, "esquina" do Hotel Central, no final da tarde, vista da Igreja da Sé.  
Fonte: Própria autora

crescente, provocando o aumento da oferta de vagas e de pensões. Em 1860, existiam dois pequenos hotéis em São Luís: o Hotel do Porto e a Hospedaria Caxiense (SIEHAMA, 2014).

No início do século XX, grandes hotéis surgiram nas capitais brasileiras. No Rio de Janeiro, o luxuoso Hotel Glória, construído em 1922, foi um dos que mais despontou nas primeiras décadas, sendo palco de grandes festas e onde se hospedaram figuras do jet set internacional.

Para equiparar-se às outras capitais brasileiras, São Luís também quis rever seu status de modernidade. O Hotel Central veio suprir uma carência da cidade no ramo hoteleiro. Os equipamentos e ambientes eram inovadores e durante muito tempo receberam uma clientela diversificada, autoridades e artistas internacionais.

A história da construção desse hotel começa após a demolição de um prédio de aparência colonial, onde funcionava desde o Século XIX um antigo hotel – o maior da cidade na época – que também se chamava “Hotel Central”. No seu piso superior havia “21 quartos, com

móveis antigos e lavatório” (SEHAMA, 2014).

Numa camada mais abaixo no tempo, no mesmo lugar, existia a antiga Igreja da Sé, demolida no século XVIII porque, segundo o governador Melo e Póvoas, “estava caindo aos pedaços e enfejava a praça” (MEIRELES, 1974). Com a demolição da velha Sé, a catedral da cidade foi transferida para a igreja que pertenceu aos jesuítas.

O Hotel Central ocupa um lote de esquina, com uma frente voltada para a Praça Pedro II, frontal à Catedral, e a outra para a praça Benedito Leite (Figura 2), compondo juntamente com o restante do prédio da Associação Comercial o lado oeste dessa praça. No século XVII, quando Portugal retomou o domínio de São Luís, a área das duas praças ainda era um grande largo fortificado. A Pedro II logo se configurou como um espaço simbólico de poder constituído, passando de terreiro dos jesuítas a largo da Sé e depois tornando-se uma avenida ao longo da qual estão a sede do poder estadual, do governo municipal, do judiciário, e algumas instituições financeiras. A área da praça Benedito Leite, que também compunha o núcleo fundacional, tornou-se jardim no século

XIX, mas só ganhou o título de praça no século seguinte.

A iniciativa do hotel, parte do empreendimento maior que era o edifício do Palácio do Comércio, datado de 1939:

A 23 de dezembro de 1939, pelo decreto-lei nº 330, o Governo do Estado dispunha-se a financiar o Palácio do Comércio. A construção foi iniciada em 1941 e a inauguração a 4 de maio de 1943. Possuía acomodações para um hotel modelo, um museu permanente de produtos do Estado e a sede da Associação Comercial (SEHAMA, 2014, p. 25).

O texto da Cartilha de Apresentação (SEHAMA, 2014) refere-se ao novo hotel como um marco da nova era de prosperidade que se inaugurou no estado do Maranhão na administração do interventor Paulo Ramos :

Distanciando mil passos, apenas, do local onde naquele recuado seiscentos, os fidalgos flibusteiros que sonhavam ampliar os domínios de França, levantaram o entreposto de comércio na cidade nascente do Senhor La Ravardiere. Ergue-se agora, três séculos após, na majestade de suas linhas arquitetônicas, um imponente palácio, onde o órgão coordenador das classes conservadoras tem a sua sede (SEHAMA, 2014, p. 25).



O Palácio do Comércio, com projeto de autoria do arquiteto maranhense Vicente Azevedo, abrigava além do hotel, a sede da Associação Comercial

Figura 2 - Praças Pedro II e Benedito Leite colorizadas, pela autora, com o hotel em vermelho.

Fonte: IPHAN, 2018, s/p. Editada pela autora.

A descrição do prédio, de acordo com Memórias da Hotelaria (S. E. MARANHÃO 2014, 27), está assim:

T: térreo sete lojas e um restaurante-bar (Figura 3).

1º pavimento: dependências

2º e 3º pavimentos: apartamentos de casal e solteiro do hotel (o hotel todo abrigava 54 apartamentos);

4º pavimento: sala de refeições, banquetes, cassino, bar, despensa, cozinha, terraços, entre outros ambientes (SEHAMA, 2014).

O Hotel Central na época de sua inauguração já apresentava complexidade de

Figura 3 - Planta do pavimento térreo com indicações de ambientes, de acordo com informações, que obtivemos de antigos usuários. A imagem da planta foi copiada do livro, São Luís, Ilha do Maranhão e Alcântara e colorida por nós.



planta e de organização. O prédio possuía para-raios de quatro pontas, proteção contra incêndio, dois elevadores com capacidade de 500 quilos, caixa d'água e cisterna (SEHAMA,2014). Na última reforma, em 1973, além de nova decoração e ampliação da cozinha e portaria, foram instalados telefones e ar-condicionado (MARATUR, 1982) A construção coube à empresa Leão Ribeiro & Cia. Ltda. e a supervisão ao engenheiro Antônio Alexandre Baima.

As fachadas (Figura 4) valorizam a esquina, evidenciando a volumetria e a forma diferenciada de linhas geométri-

cas com entrada principal na esquina superposta por três varandas. O prédio apresenta uma simetria com o seu eixo passando pelo centro da porta e terminando além do quarto andar em pináculo cuja estrutura ostenta o letreiro que identifica o edifício, dividindo o prédio nas elevações para as praças Pedro II e Benedito Leite

Uma fonte instalada em 1940 na Praça Pedro II, com a escultura da Mãe D'Água (Figura 5), obra do artista maranhense Newton Sá premiada em concurso da Academia Nacional de Belas Artes do

Rio de Janeiro, foi uma novidade como equipamento urbano na época.

Nas décadas de 1950 a 1970 o térreo do Hotel Central se transformou em um espaço significativo para a população, que frequentava o restaurante, o bar e a sorveteria, que testemunhava o glamour do local. Sentar em frente ao Hotel na esquina da praça Benedito Leite (Figura 6), de frente para a Pedro II, para desfrutar as famosas “correntes de vento” (famosas desde os tempos do antigo Hotel Central), que circulavam no local, era um passeio imperdível nos fins de tarde e aos domingos.

A decadência do Hotel Central começou depois da inauguração da ponte do São Francisco, com o crescimento da cidade para o norte e com o surgimento de novos hotéis que incorporaram elementos inovadores e adotaram padrões internacionais. Encerrou suas atividades em meados da década de 1990.

Na parte externa, o prédio continua imponente, compondo o conjunto das praças Benedito Leite e Pedro II, mas internamente nada lembra o luxo dos anos passados. Atualmente, apenas algumas lojas funcionam no térreo.



## Considerações finais

O Hotel Central representou um marco na história do moderno em São Luís. Nas décadas de 1930 e 1940 a cidade passava por uma mudança de gosto, mostrava um desejo de tornar-se moderna. Esse desejo partiu dos governantes e espalhou-se entre a população, que passou a

Figura 4 - Fachada do Hotel Central- Edifício Palácio do Comercio, com marcação de eixo vertical.

Fonte: Própria autora

Figura 5 - Foto tirada a partir da Pedro II. Em Foco a Escultura da Mãe d'Água e o hotel Central.

Fonte: Própria Autora



Figura 6 - Imagem da Praça Pedro II, "esquina" do Hotel Central, no final da tarde, vista da Igreja da Sé. Própria autora.

incluir nas reformas de suas casas coloniais um novo vocabulário decorativo. Embora algumas dessas modificações tenham sido apenas superficiais, havia a busca por espelhar-se no que era novo, de vanguarda.

É possível que a demolição do prédio de estilo pombalino que existia no lugar do Palácio do Comércio, assim como a forma inovadora do novo edifício, tenham representado prejuízo para o conjunto arquitetônico das praças Pedro II e Benedito Leite, embora outros prédios já estivessem a fachada modificada, como

a Catedral. Ressaltamos, entretanto, que o diálogo do hotel com as praças e com a cidade extrapolou o plano da arquitetura, pois a modernidade transferiu-se para o estilo de vida da sociedade que passou a exhibir novos hábitos e usos no seu cotidiano.

## Referências

- ANDRADE, Nelson; BRITO, Paulo Lúcio; JORGE, Wilson Edson. *Hotel Planejamento e Projeto*. São Paulo: Senac, 2005.
- BERMAN, Marshal. *Tudo que é sólido se desmancha no ar*. Tradução: Carlos Felipe Moisés e Ana Maria L. Loriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- CORDEIRO, Juliana Carneiro Barbosa. "Pela Hora da Morte": custo de vida em São Luís no contexto da Segunda Guerra Mundial. In: ABRANTES, Elizabeth Sousa; SANTOS, Sandra Regina Rodrigues dos (Org.). *São Luís do Maranhão: novos olhares sobre a cidade*. São Luís: Ed. UEMA, 2012, p. 179-212.
- DEMPSEY, Amy. *Estilos, escolas e movimentos*. Tradução: Carlos Eugenio Marcondes de Moura. São Paulo: Cosac Naif, 2003.
- FEITOSA, Rodrigo Miranda ; PFLUEGER, Grete. "O Racionalismo Europeu: Art Déco e Ecletismo, na construção da Avenida magalhães de Almeida." 2º Seminário DOCOMOMO N-NE, 2008.
- INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO (IPHAN). São Luís (MA). Disponível em: <portal.iphan.gov.br/pagina/detalhes/346/>. Acesso em: 10 mar 2018.
- KARL, Frederick Robert. *Moderno e Modernismo*. Rio de Janeiro: Imago, 1988.
- Empresa Maranhense de Turismo.S. A. *Subsídios para a história do Turismo no Maranhão*. São Luís, Maranhão. 1982.
- MARANHÃO. Interventor Federal (Paulo Martins de Souza Ramos). *Relatório apresentado ao Excmo. Sr. Dr. Getúlio Vargas, Presidente da República dos Estados Unidos do Brasil: administração de 1943*. Estado do Maranhão, Imprensa Oficial, 1939.
- MEIRELES, Mario Martins. Melo e Póvoas, Governador e Capitão General do Maranhão. São Luís, SIOGE, 1974
- PLUEGER, Grete Soares. *Renovações Urbanas e Ruínas no Maranhão no Século XX*. In: PLUEGER, Grete Soares; SALGADO, Neto José Bello (Org.). *Aspectos Urbanos de São Luís: uma abordagem multidisciplinar*. São Luís: Ed. UEMA, 2012.
- PLUEFGER, Grete; FURTADO, Livia. *As imagens do moderno em São Luís pelo álbum de Miécio Jorge, de 1950*. Revista Amazônia Moderna, n. 1, p. 68-83, abr.-set. 2017.
- SÃO LUIS *Ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem - SAN LUIS Isla de Marañón y Alcántara: guía de arquitectura y paisaje*. Ed. bilingue. Sevilla: Consejería de Obras Públicas y Transportes. Dirección General de Arquitectura y Vivienda, 2018.
- SINDICADO EMPRESARIAL DE HOSPEDAGEM E ALIMENTAÇÃO DO MARANHÃO (SEHAMA). *Memórias da hotelaria no Maranhão*. São Luís, 2014.